

**CESÁRIO VERDE: UM RETRATO DO POETA ENQUANTO PINTOR
NOTAS DE LEITURA II**

**CESÁRIO VERDE: A PORTRAIT OF THE POET AS A PAINTER
READING NOTES II**

Clara Sarmento

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP-P.PORTO

clarasarmento@gmail.com

*Pinto quadros por letras, por sinais,
Tão luminosos como os do Levante...*

Nós

Cesário Verde (1855-1886) é o poeta da cidade, do campo, de tudo aquilo que o rodeia e capta a sua incessante capacidade de observação.¹ Retrata, nos seus versos, a crueza da realidade, à qual nunca escapa uma certa subjectividade tão redentora quanto fantasiosa. Recordemos “Contrariedades”: “E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha? / A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia? / Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia... / Que mundo! Coitadinha!”. A forma como estas imagens da realidade são transmitidas ao leitor, com tanto de implícito como de explícito e, por vezes, de transfigurador, leva-nos a considerar Cesário Verde como sendo um poeta-pintor, autor de poemas-pinturas que retratam o mundo que observa, recorda ou imagina.

Herdeiro do realismo e do parnasianismo literários, Cesário Verde afirmou-se pela sua oposição ao lirismo tradicional, em poemas inspirados por Baudelaire, cuja influência é notória principalmente na forma de retratar a cidade, o amor e a mulher. Cesário Verde

¹ Cesário Verde. *O livro de Cesário Verde*, introd. Maria Ema Tarracha Ferreira. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1986.

procurou sempre cultivar um tom natural, valorizando a linguagem do concreto e do coloquial, na sua busca pela autenticidade e pelo real mais prosaico, apesar de poeticamente transfigurado. Com uma visão plástica do mundo, deambulou pela cidade e pelo campo, representando por palavras o que aí lhe era transmitido através dos sentidos, em cores, formas e sons. Tanto exaltava sem bucolismos a vida do campo e dos seus trabalhadores, como captava as marés humanas da cidade, solidarizando-se com as vítimas das injustiças sociais, apesar de deixar transparecer por vezes um certo desejo de evasão às asperezas da vida. Foi o poeta da cidade de Lisboa e o poeta da Natureza não-literária, deixando antever a obra de Fernando Pessoa, que reconheceu o valor literário ímpar de Cesário Verde. Criou processos impressionistas capazes de sugerir e condensar sensações físicas e psicológicas num único elemento, inovando a estilística poética portuguesa do século XIX e abrindo caminho ao modernismo.

Identificável com os impressionistas, que captam a realidade filtrada pelas próprias percepções, a simultânea proximidade de Cesário Verde aos poetas fundadores da modernidade vai ecoar nos poemas de Fernando Pessoa, nomeadamente no *Opiário* de Álvaro de Campos, sendo ainda citado várias vezes por Alberto Caeiro e Bernardo Soares. Cesário Verde é demasiadamente complexo e pioneiro para ser enquadrado numa única escola poética da língua portuguesa. Se o seu já referido interesse pela captação do real citadino, em quadros concretos, plásticos e coloridos, evoca a afinidade com o realismo, já a ligação aos ideais do naturalismo verifica-se na descrição do meio como determinante dos comportamentos.

Também os surrealistas admiraram em Cesário Verde o poeta da visão interior e transfiguradora, aquele que primeiramente recriou o real à medida da sua imaginação:

Ah! Ninguém entender que ao meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!
Com folhas de saudades um objecto
Deita raízes duras de arrancar.

Nós

Nesta linha, “Num bairro moderno” é, sem dúvida, o melhor testemunho do surrealismo pioneiro de Cesário verde:

Subitamente – que visão de artista! –

Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do Sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnis?!
(...)
E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injectados.

Em “Num bairro moderno”, a literatura e a pintura fundem-se de forma evidente, transfiguram o real, e a giga da personagem feminina passa a evocar – ao leitor actual – uma *Guernica* de corpos desmembrados e amontoados, ou – ao leitor contemporâneo de Cesário Verde – um quadro de Archimboldo. Mas essa transfiguração é feita à luz de uma outra realidade paralela, sob a égide de “o sol, o intenso colorista”. Porque Cesário Verde, quando imagina, recria a realidade, transfigurando-a para a tornar ainda mais real:

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob o cetim do Azul e as andorinhas,
Eu hei-de ver errar, alucinadas,
E arrastando farrapos – as rainhas!

Deslumbramentos

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

O Sentimento de um Ocidental

O leitor actual também não poderá deixar de antever os frescos que Almada Negreiros pintou na década de quarenta do século XX na Gare Marítima de Alcântara, em Lisboa, nestas estrofes de “O Sentimento de um Ocidental”:

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,

Correndo com firmeza, assomam as varinas.
Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras:
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas do carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção.

Os epílogos de algumas das composições de Cesário Verde Certos desenham uma severa crítica burlesca, uma desconstrução satírica dos cânones da poesia sentimental, de uma forma inesperada e sugestiva que ainda mais acentua a originalidade dos seus quadros e a irreverência surrealista do poeta:

E se aquela visão da fantasia
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,
Eu nunca, nunca mais me sentaria
Às mesas espelhentas do Martinho.

Arrojos

Todas as noites ela, ó sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos,
E fazia-me cócegas nos pés...

Proh Pudor

Eu posso amar-te como o Dante amou,
Seguir-te sempre como a luz ao raio,
Mas ir, contigo, à Igreja, isso não vou,
Lá, nessa é que eu não caio!

Ou como na estrofe final de “Cristalizações”:

O demoníaco arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

E não será também Cesário Verde um impressionista, ao iluminar as ruas de Lisboa com o sol de Van Gogh?

E o sol estende, pelas fronteiras,
Seus raios de laranja destilada.

Num bairro moderno

O sol de Van Gogh irradia a luz omnipresente na obra de Cesário Verde, uma luz que purifica os sentidos – “Eu tudo encontro alegremente exacto. / Lavo, refresco, limpo os meus sentidos” (Cristalizações) – e confere vida aos quadros percecionados e transmitidos ao leitor: “E o descoberto sol abafa e cria!” (“Cristalizações”).

Em diversos casos, nota-se, na construção frásica, a primazia conferida pelo poeta à impressão que nele causa certa personagem ou facto. Só depois é apresentado o agente, o sujeito, o causador de tal impressão:

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga...
(...)
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;

Num bairro moderno

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;

Cristalizações

Hipervigilante, o poeta capta as mais ínfimas impressões, como em “O Sentimento de um Ocidental”: “Um parafuso cai nas lajes, às escuras...” ou “E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos”. Ao compor os seus quadros, Cesário Verde indica-nos constantemente as cores que terão importância fundamental para a sua visualização e interpretação, como nos exemplos:

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida!...

Contrariedades

O sol dourava o céu...
(...)
Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifa estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Num bairro moderno

Negrejam os quintais...

Cristalizações

Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?
(...)
A Lua dava trémulas brancuras...

Noite fechada

Numa colina azul brilha um lugar caiado...

De Verão

Toda a paisagem se doura;...

As palavras deixam de ser som e transformam-se em luz e cor, sugerindo suaves e minuciosas pinturas. Mas as composições de Cesário Verde não se limitam a transmitir sensações visuais, pois os quadros são complementados com informações de carácter sinestésico:

Bóiam aromas, fumos da cozinha,
Com o cabaz às costas, vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca frenética, de vez em quando.

Num bairro moderno

Faz frio. Mas, depois de uns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua...
Cristalizações

Como destacam, vivas, certas cores,
Na vida externa cheia de alegrias!
Horas, vozes, locais, fisionomias,
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resinoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhais da beira-mar.

Nós

A identificação como poeta-pintor é ainda mais acentuada pela referência explícita a “quadros”, a “cenas” e demais vocabulário ligado à área semântica das artes plásticas:

Pinto quadros por letras, por sinais,
Tão luminosos como os do Levante...

Fechos os olhos cansados, e descrevo
Das telas da memória retocadas...

E por isso, com frases imprevistas,
E colorido e estilo e valentia,
As *haciendas* que há na Andaluzia
Pintavam como novos paisagistas.

Nós

Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na brasserie; às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

O Sentimento de um Ocidental

O céu renova a tinta corredia;
E os charcos brilham tanto, que eu diria
Ter ante mim lagoas de brilhantes!

Cristalizações

A carta era um painel
De cenas de rapazes.

Lúbrica

O quadro interior, dum que à candeia,
Ensina a filha a ler, meteu-me dó!

Noite fechada

Pormenores que para outro sujeito poético seriam banalidades transformam-se, na perspectiva de Cesário Verde, num quadro do real. Antes de detalhar uma situação particular que lhe capta a atenção no movimento quotidiano da rua ou da cidade, o poeta começa por descrever um esboço geral do quadro: “Dez horas da manhã, os transparentes / Matizam uma casa apalaçada (...) E fere a vista, com brancuras quentes, a larga rua macadamizada” (“Num bairro moderno”). Um processo análogo verifica-se em “Cristalizações”, onde as primeiras estrofes constituem uma visão panorâmica, antes de o sujeito deter-se nos calceteiros e na actriz medíocre. Mas longe de se limitar ao puro exercício estético, a deambulação urbana é ponto de partida para a revolta contra a vivência desumana dos oprimidos, contra os factores de animalização e doença da cidade.

A literatura e a pintura unem-se através de instantâneos colhidos em deambulação pelas ruas de Lisboa ou pelos campos, numa cinematização da vida quotidiana, cuja alma o poeta pretende captar. Ao descrever o seu próprio processo de labor poético em “Contrariedades” – “E apuro-me em lançar originais e exactos, / Os meus alexandrinos” – Cesário Verde desvenda a sua busca pela precisão estilística, o seu culto da forma, assumindo em pleno a identidade de poeta-pintor.